



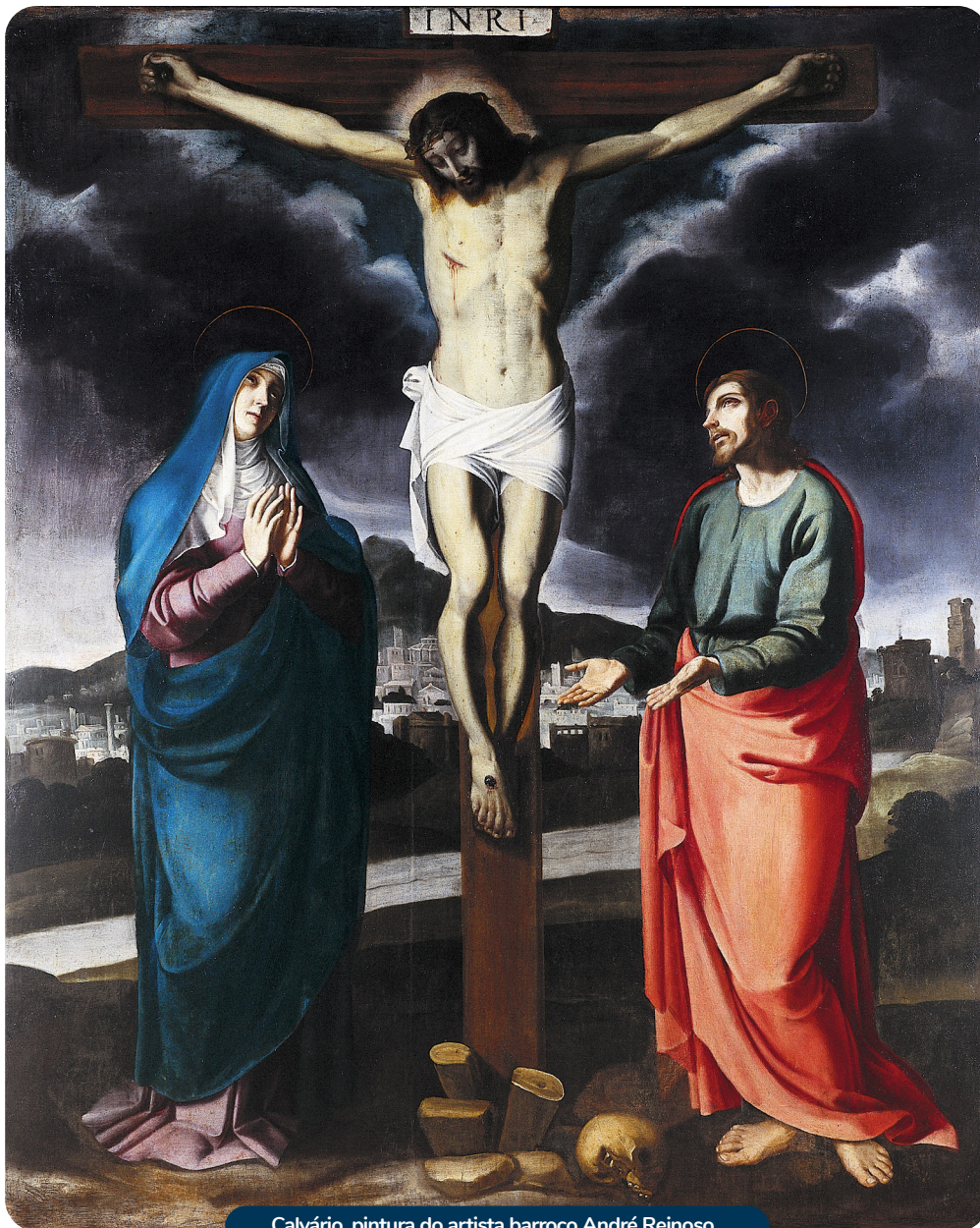
BARROCO

BARROCO EM PORTUGAL

Após o período próspero do Renascimento e do Classicismo, a Europa foi abalada pela Reforma Religiosa e pela Contrarreforma católica. Houve também uma crise política, com diversos conflitos envolvendo os reinos europeus entre o final do século XVI até meados do século XVII. Estas crises influenciaram as artes do período, que se tornaram mais sombrias, exageradas e marcadas por contrastes.



Crucificação de São Pedro, do artista Caravaggio. Seu trabalho exerceu influência importante no estilo barroco.



Calvário, pintura do artista barroco André Reinoso.

A literatura aparece como mecanismo de fuga da dura realidade da época, e apresenta a oposição entre valores renascentistas e valores religiosos. Os escritos barrocos são marcados pelo pessimismo, pela tentativa de fusão de contrários, pela religiosidade e pela linguagem afetada, rebuscada. Junto ao tema da fugacidade da vida, valoriza-se a ideia do “carpe diem”: aproveitar a vida ao máximo, o que entra em conflito com a visão religiosa de parcimônia e desprendimento.

É comum haver inversões sintáticas no Barroco, ou seja, os elementos da frase são colocados fora da ordem lógica - sujeito, verbo e predicado - da sentença. Algumas figuras de linguagem aparecem muito no Barroco. Entre elas temos as antíteses, paradoxos e oximoros, as metáforas, hipérboles e perfrases.

Tanto antíteses quanto paradoxos e oximoros apresentam ideias contrastantes juntas.



A diferença é que a antítese é a simples aproximação, na frase, de ideias opostas, enquanto o paradoxo é uma contradição verdadeira para o contexto - a contradição existe em um mesmo pensamento - e o oxímoro é a fusão das ideias contraditórias.

Eram tantos os contrastes naquele tempo que é possível encontrar textos barrocos muito diferentes entre si, mas pertencentes à mesma escola literária. Dois estilos literários conviveram dentro do Barroco: o Cultismo e o Conceptismo.

O Cultismo ou Gongorismo (influenciado pelo poeta espanhol Luis de Góngora) é um estilo culto e rebuscado, com muitos jogos de palavras e uso de expressões eruditas, trocadilhos e paronomásias. O resultado é um texto difícil de ser lido e interpretado.



Poeta Luís de Góngora y Argote.

Já o Conceptismo ou Quevedismo (elaborado pelo também poeta espanhol Luís de Quevedo) é marcado pelo jogo de ideias, pelo raciocínio sutil e pelo pensamento lógico. Os textos deste estilo são mais simples e claros.

O estilo literário Barroco chega a Portugal num momento particularmente difícil da história do país: a dominação de Portugal pelo rei Felipe II da Espanha, após o rei português Dom Sebastião desaparecer em combate sem deixar sucessores para o trono. Esta unificação, chamada de União Ibérica, aconteceu entre 1580 e 1640, quando Portugal retomou sua autonomia e passou a explorar economicamente as reservas de ouro do Brasil colônia. O período Barroco em Portugal termina em 1756 e seu principal autor é o padre Antônio Vieira.



Barroco



Rei Felipe II



Rei Dom Sebastião

Antônio Vieira nasceu em Portugal mas foi educado no Brasil, onde se tornou jesuíta. Seus sermões, escritos em prosa, tal qual dissertações, apresentam influência conceptista - em especial no jogo de ideias e uso da lógica - e alguns traços cultistas, como o amplo uso de figuras de linguagem tais como reiteraões, paronomásias, antíteses, circunlóquios e paralelismos. Veja a seguir o uso de antíteses no Sermão de Santa Teresa, opondo visões de céu e terra:



Padre Antônio Vieira



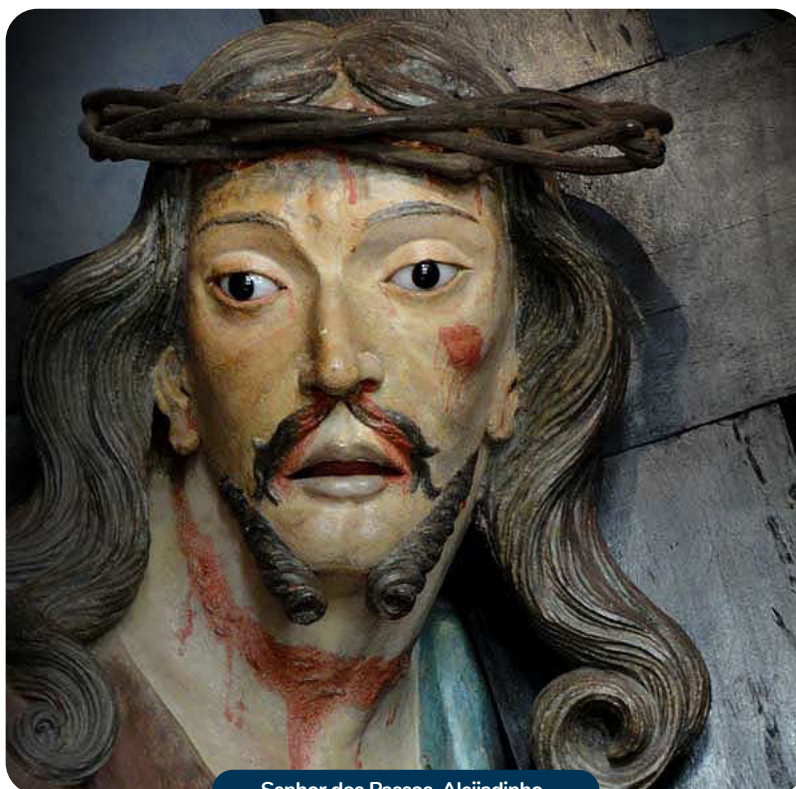
“Com os olhos no **céu**, com os olhos na **terra** e com os olhos no Evangelho determino pregar hoje, que é o modo com que nas festas dos santos se deve pregar sempre. Deve-se pregar com **os olhos no céu**, para que vejamos o que havemos de imitar nos santos; deve-se pregar com **os olhos na terra**, para que saibamos o que havemos de emendar em nós; e deve-se pregar com os olhos no Evangelho, para que o Evangelho, **como luz do céu na terra**, nos encaminhe ao que havemos de emendar na **terra** e ao que havemos de imitar no **céu**.”

Os sermões de Vieira podem ser divididos, estruturalmente, em três partes: o intróito ou exórdio - que é a introdução, a parte do texto em que os objetivos do sermão são ditos -, o argumento ou tese - o desenvolvimento do assunto - e o epílogo ou peroração - parte final que resume as ideias expostas.

Outros autores portugueses do Barroco dignos de nota são Padre Manuel Bernardes, Francisco Manuel de Melo, Antônio José da Silva e Sórora Mariana Alcoforado.

BARROCO NO BRASIL

O estilo Barroco esteve presente na literatura brasileira entre 1601 e 1768. Nesta época, houve o apogeu e a decadência da sociedade canavieira nordestina, em especial baiana, e o início do ciclo do ouro em Minas Gerais. Foi criada a Companhia de Jesus para catequizar os indígenas e a Inquisição eliminou hereges também em terras brasileiras. Na música e na arquitetura, o estilo Barroco pode ser visto mais tardiamente, principalmente nas igrejas de Minas e nas estátuas de Aleijadinho.



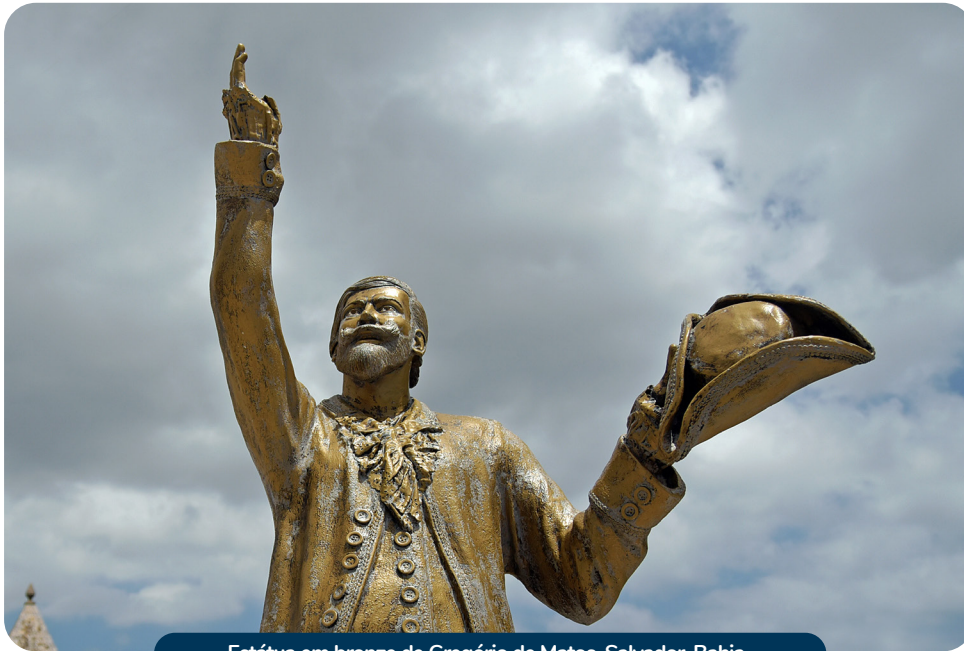
Senhor dos Passos, Aleijadinho.



Barroco

As principais figuras de linguagem usadas nas obras do Barroco são o hipérbato - inversão dos termos da frase -, a metáfora e a antítese. As obras são marcadas pela religiosidade e subjetividade e também pela perfeição formal, com esquema de rimas e métrica bem definidos.

O principal poeta do Barroco brasileiro foi Gregório de Matos. Combinando cultismo e conceptismo, seus poemas não foram publicados em vida, tendo sido compilados somente no século XX. Sua obra pode ser dividida em quatro amplas categorias: poesia lírico-religiosa, poesia lírico-amorosa, poesia lírico-filosófica e poesia satírica.



Estátua em bronze de Gregório de Matos, Salvador, Bahia.

A poesia lírico-religiosa de Gregório de Matos está marcada por um sentimento de culpa típico do Barroco: o eu-lírico busca o perdão após o arrependimento dos pecados. Nestes textos, fica claro que pecar é inevitável, mas é possível arrepender-se e pedir perdão pelos pecados:

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido;
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,



Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

A poesia lírico-amorosa trata do amor também com dualidade: há sensualidade e busca pelo prazer, mas há também a busca pela elevação do espírito e a tentativa de não cair em tentação. O poeta apresenta os contrastes entre o corpo e o espírito, o desejo e o autocontrole, contrastes que geram, novamente, um sentimento de culpa:

Pondera agora com mais atenção a formosura de D. Ângela

Não vi em minha vida a formosura,
Ouvia falar nela cada dia,
E ouvida me incitava, e me movia
A querer ver tão bela arquitetura.

Ontem a vi por minha desventura
Na cara, no bom ar, na galhardia
De uma Mulher, que em Anjo se mentia,
De um Sol, que se trajava em criatura.

Me matem (disse então vendo abraçar-me)
Se esta a cousa não é, que encarecer-me.
Saiba o mundo, e tanto exagerar-me.

Olhos meus (disse então por defender-me)
Se a beleza hei de ver para matar-me,
Antes, olhos, cegueis, do que eu perder-me.

A poesia lírico-filosófica de Gregório de Matos é marcada por pessimismo e frustração frente à realidade, em especial com a passagem do tempo, já antecipando o “carpe diem” que marcaria a escola literária seguinte, o Arcadismo:

Inconstância das coisas do mundo!

Nasce o Sol e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas e alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?



Mas no Sol, e na Luz falta a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinte-se a tristeza,

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza.
A firmeza somente na inconstância.

A poesia satírica de Gregório de Matos lhe garantiu o apelido de “Boca do Inferno”, pois nela ele criticava toda a sociedade da época, fosse em textos de sátira social ou textos abertamente obscenos. Alguns dos alvos de suas críticas eram os corruptos, os gananciosos e os hipócritas - criticando os hábitos de governantes, religiosos e do povo. Há preconceito em muitas poesias, o que as aproxima das cantigas de escárnio do Travadorismo.

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrada,
A mim foi-me trocando e tem trocado
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhada
Simplex aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

Além de Gregório de Matos, outros nomes do Barroco no Brasil são o padre Antônio Vieira, que também se destacou em Portugal, o frei Manoel de Santa Maria de Itaparica, Manuel Botelho de Oliveira, o primeiro autor brasileiro a ter um livro publicado, e Bento Teixeira, cujo poema Prosopopeia marca o início do Barroco.

ANOTAÇÕES
